

**DE HOSPEDEIRO A DEMO:
a metamorfose do ermitão urbano em capiroto aterrorizante**

José Monteiro Filho¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo central analisar o diabo como personagem da literatura brasileira contemporânea. De modo particular, foca a migração de aspectos teológicos, filosóficos e culturais acerca daquele que é considerado a personificação do mal para o texto ficcional especificamente no conto *O hóspede*, de Frei Betto.

Palavras-chave

Hóspede, diabo, inferno, espelho, aparência, outros.

ABSTRACT

This article aims to analyze the Devil as a central figure in contemporary Brazilian literature. Migration aspects of theological, cultural and philosophical about who is considered the personification of evil along the fictional text specifically on the story *The Guest*, by Frei Betto.

Key words

Guest, devil, hell, mirror, appearance, others.

*“Os homens são transformados de acordo com aquilo que contemplam.”
(Ellen G. White – Fundamentos da Educação Cristã, p. 84)*

Tanto nos estudos literários quanto teológicos, uma das personagens que mais chamam a atenção é o diabo. Não sendo raros os momentos em que, como lhe é próprio, o ser maléfico rouba a cena. O registro de personagens que exemplificam a representação do

¹ Mestrando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

mal remonta a tempos bastante antigos e repercute, através da história, pelos mitos de todas as culturas. Todos os povos, de uma forma ou de outra, procuraram personificar tanto a maldade quanto a bondade, dando-lhes semblante e personalidade. O diabo se constitui na principal feição do mal, tendo se inserido na cultura ocidental de maneira assaz arraigada. Ele é uma personagem recorrente. Para Orígenes (apud COUSTÉ, 1996: 114) os demônios já existiam antes da criação do homem e acompanham a Deus na eternidade. De acordo com Harold Bloom (2008: 17) “Demônios pertencem a todas as épocas e a todas as culturas”. A literatura brasileira, devido ao misticismo e religiosidade próprio de nossa cultura, é pródiga em usar e abusar do diabo como personagem nos mais variados enredos.

Vários autores brasileiros, com maestria se utilizaram do diabo como personagem. Um destes é Frei Betto. Nascido em Belo Horizonte, MG, Carlos Alberto Libânio Christo estudou jornalismo, antropologia, filosofia e teologia. Frade dominicano e escritor, ganhou em 1982 o Jabuti, principal prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, por *Batismo de sangue*, seu livro de memórias. Em 1986, foi eleito Intelectual do Ano pelos escritores filiados à União Brasileira de Escritores, que lhe deram o prêmio Juca Pato por sua obra *Fidel e a religião*. Com *A noite em que Jesus nasceu*, ganhou o prêmio de "Melhor Obra Infante-Juvenil" de 1998, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Em 2005, o júri da Câmara Brasileira do Livro premiou-o mais uma vez com o Jabuti, agora na categoria Crônicas e Contos, pela obra *Típicos tipos – perfis literários*. Foi coordenador da ANAMPOS (Articulação Nacional de Movimentos Populares e Sindicais), participou da fundação da CUT (Central Única dos Trabalhadores) e da CMP (Central de Movimentos Populares). Prestou assessoria à Pastoral Operária do ABC (São Paulo), ao Instituto Cidadania (São Paulo) e às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Foi também consultor do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Perseguido pela ditadura militar, foi preso por duas vezes: em 1964 e entre 1969-1973. Em 2003 e 2004 atuou como Assessor Especial do Presidente da República e Coordenador de Mobilização Social do Programa Fome Zero. Desde 2007 é membro do Conselho Consultivo da Comissão Justiça e Paz de São Paulo. É sócio fundador do Programa Educação para Todos.

É em sua obra *Treze contos diabólicos e um angélico* que Frei Betto aborda como personagem das narrativas o Coisa Ruim, o Capeta, o Demo, o Cão, alcunhas associadas ao ser que simboliza a essência do mal. As pequenas e belas histórias nos levam,

inevitavelmente, a refletir sobre a inveja, a ganância, o egoísmo, a maldade, a tirania, a alienação. O conto ao qual nos deteremos mais detalhadamente é aquele que principia o livro: *O hóspede*.

O enredo narra a história de um homem solitário que é visitado pelo diabo. A princípio a inusitada presença o incomoda, mas com o passar do tempo acaba se acostumando e até mesmo apreciando ter o diabo hospedado em sua casa. Ao acordar certa manhã, percebe que o hóspede foi embora e, ao olhar-se no espelho, vê que sua aparência tornou-se idêntica à do diabo.

O conto é narrado em primeira pessoa por uma personagem que não se identifica, apenas nos dá algumas pistas de sua personalidade: mora sozinho, não tem mulher ou filhos e pensa que o “Inferno são os outros²” (BETTO, 2005: 17). Confessa seu pânico e repugnância, “de dar vergonha” (BETTO, 2005: 17), em relação às baratas, chegando a ponto de criar um método de exterminação *sui generis*: atirar sobre os asquerosos insetos pesados dicionários enquanto lhes profere xingamentos, método, é claro, tão ineficaz que só faz aumentar sua população. Mais à frente, na narrativa, diz considerar-se um “misantropo” (BETTO, 2005: 19) e referindo-se a seus vizinhos deixa transparecer um certo desdém, mesmo mencionando as boas ações dos mesmos:

Zoraida, a vizinha dos fundos, que vive exaltando o valor do trabalho voluntário [...]; o velho Procópio, vizinho de frente, cuja generosidade alimentava de balas a criançada da rua [...]; e Cacilda, a vizinha do telhado, sempre prestativa no atendimento dos enfermos [...] (BETTO, 2005: 19-20).

O narrador também revela qual era a imagem que pensava que seus vizinhos tinham dele quando afirma: “De ermitão aos olhos da vizinhança, passei a hospedeiro de pessoas destacadas pela beleza e obsequiosidade” (BETTO, 2005: 20).

O diabo entra no enredo de forma inesperada. A não ser o fato de que nosso personagem confessa utilizar-se de “impúblicáveis ofensas indicionarizáveis” (BETTO, 2005: 18) contra as baratas, na narrativa não aparece nenhum tipo de invocação satânica

² Esta frase é tomada emprestada de Jean-Paul Sartre (1905-1980), que em sua obra *Entre quatro paredes*, descreve o inferno como um lugar fechado e sem espelhos, onde as pessoas só podem se ver através dos olhos dos outros, mas como não conseguem conviver, passam a se atormentar umas às outras. No final da narrativa um dos personagens chega à conclusão que “o inferno são os outros”.

para solicitar a presença do diabo. Poderíamos aqui apenas mencionar a crença popular de que proferir palavrões atrai demônios bem como que algumas pessoas proferem os nomes diabo, demônio, etc., como palavrões, em ocasiões em que exacerbam sua ira. Seria este o motivo da visita inesperada do diabo? Seja como for, a intromissão do Coisa Ruim não foi recebida com agrado:

Semana passada, ao sentar-me à cozinha para o café da manhã, tive a atenção desviada das baratas [...]: dei de cara com um estranho. Não havia nenhuma porta ou janela aberta. Julguei-me tomado de alucinação. [...] Irritei-me, não tanto pela inusitada presença, mas por sentir invadida a minha solidão (BETTO, 2005: 18).

O personagem, como típico brasileiro, afirma não somente crer na real existência do diabo, como também o descreve fisicamente:

Tratava-se de um ser vivo, real, adentrado à minha casa. Quem sabe aprendera com as baratas a introduzir-se sob o batente das portas. Sua astúcia, entretanto não haveria de superar a minha inteligência. Jamais acreditei na inexistência daquele que, do outro lado da mesa, exibia um sorriso caviloso e tomava uma xícara de chá. Observei-o amiúde: tinha o rosto afunilado, o cavanhaque triangular, as orelhas de abano, a testa larga e rugosa, o nariz proeminente, os olhos púrpura, o sorriso drástico e, sobre a cabeça, dois chifres pontiagudos (BETTO, 2005: 18).

No final do conto, o protagonista ao ver que havia se transmutado na figura do demônio, amplia a descrição:

Olhei-me espantado; meus pés eram patas equestres e as pernas, troncos cabeludos. As mãos tinham crescido e os dedos, longos como os de símios, traziam unhas descomunais. Postei-me diante do espelho e, aterrorizado, constatei que minhas feições assemelhavam-se às do Demo (BETTO, 2005: 22).

Essas descrições são baseadas nas crenças populares sobre a forma física do diabo. Mas, se para um grande número de teólogos cristãos a Bíblia revela que o diabo e seus demônios eram anjos que foram expulsos do céu, qual a origem destes pensamentos populares, visto que essa aparência está distante do que se concebe para a aparência dos anjos? Carlos Roberto F. Nogueira, em seu livro *O Diabo no imaginário cristão* nos ajuda

a compreender este fenômeno. Segundo ele, no início da era medieval, a igreja ainda não havia conseguido converter a Europa das religiões pagãs, assim lançou mão de reduzir suas divindades à condição demoníacas. Este processo se intensificou e a figura do Maligno e das entidades inferiores que participam da “esfera do mal” passou a aparecer com características burlescas, ridicularizadas para mostrar sua inferioridade frente à figura dos santos. A aparência de dignidade que a princípio coube ao diabo pela condição de anjo caído cede lugar à de monstro repugnante, mais própria de sua condição espiritual.

As representações dos inimigos desenvolvem-se numa quase ilimitada variedade de formas grotescas e fantasmagóricas, uma vez que esses seres de pesadelo simbolizam um crime contra o Criador e, portanto, contra a Sua Criação: a Natureza. Demônios com anatomias animais ou semi-humanas ou deformadas: cobertos de pêlos ou escamas, com cabeças demasiadamente grandes ou demasiadamente pequenas em relação ao corpo, dotados de olhos saltados e bocas rasgadas e cavernosas, chifres, rabos e asas, garras e cascos, cabeças de pássaros ou bicos, com inúmeras faces, braços, pernas e outros apêndices, enfim quantas outras monstruosidades a imaginação pudesse criar.

[...] O grande modelo que influenciou toda uma iconografia diabólica foram as clássicas imagens de Pã e dos sátiros: criaturas meio homem, meio bode, com chifres, cascos partidos, olhos oblíquos e orelhas pontiagudas (NOGUEIRA, 2000: 64 e 67).

Esta mesma opinião compartilha Alberto Cousté que em sua *Biografia do Diabo*, assevera que

Ao longo dos séculos – tendência que se cristalizou durante a Idade Média e teve sua arrancada das espantosas visões de Santo Antão em sua ermida do Nilo, por volta de 320 – o Diabo sofreu um processo de degradação física que deve ser atribuída principalmente à imaginação popular. O deslumbrante ser que nos fala a Bíblia adquiriu, aos olhos do povo, características físicas em correspondência a sua moral depravada: se ele é corrupto, mentiroso, inimigo de Deus e dos homens, perjuro, sacrílego, violador, maligno no mais alto grau, deverá *necessariamente* ser horrendo, disforme e repulsivo como nenhuma outra criatura (COUSTÉ, 1996: 32, grifo do autor).

Arraigadas na mente da população através de séculos de predomínio da igreja, essas ideias sobre a aparência do diabo passaram para nossa cultura junto com a religiosidade de nossos antepassados, os colonizadores europeus.

O protagonista da narrativa esperava que o diabo “aprontasse as piores diabruras” (BETTO, 2005: 19), mas o diabo passa a imitá-lo realizando suas tarefas domésticas, fazendo, inclusive desaparecer as baratas. A narrativa não destaca se as baratas sumiram pelo asseio do hóspede com a casa, ou se a presença demoníaca as incomodava, mas o fato foi muito apreciado pelo nosso herói baratofóbico que chegou a ponto de declarar com relação ao diabo que “No fundo, tratava-se de uma boa e prestativa alma” (BETTO, 2005: 19), passando mesmo a nutrir afeição pelo ser maléfico: “Afeiçoei-me de tal modo a ele que cedi o escritório como quarto de hóspedes. Facultei-lhe o meu banheiro” (BETTO, 2005: 19). Assim, fora os incômodos de ter outra pessoa morando sob o mesmo teto, o Tinhoso passou a ser um hóspede apreciado para nosso protagonista celibatário: “[...] o Capiroto trazia sempre aspecto de bom-moço e comportava-se com tamanha cortesia e discrição que cheguei a pensar que éramos feitos um para o outro” (BETTO, 2005: 19).

Vemos aqui um paradoxo, porque aquele que morava só e que ecoava a voz de Jean-Paul Sartre: “o Inferno são os outros”, agora tem alguém morando sob o mesmo teto e passa a apreciar esta experiência. E este alguém é ninguém menos que o próprio diabo.

Um fato, porém, passa a intrigar o hospedeiro do Cascudo: seus vizinhos passam a enxergar seu hóspede de maneira totalmente diversa ao ser horrendo visualizado por ele. Zoraida o vê como “uma bela donzela”, o velho Procópio como “um jovem de musculosa robustez” e Cacilda como “um jardineiro de irradiante simpatia”. Ao quebrar o silêncio e questionar o Capeta sobre o caso, recebe a seguinte resposta:

Sou o reflexo da alma das pessoas [...] Sem a nossa presença entre os mortais, não haveria grandeza humana. Sem uma ponta de orgulho e vaidade, o que seria dos poetas, dos artistas, dos filósofos, dos governos e dos heróis? Nem Dante dissimulou o alto conceito que tinha do próprio gênio. Sem um mínimo de luxúria, como haveriam de nascer os papas e os santos? Até o mais mesquinho dos pecados, a avareza, contribui para a prosperidade dos povos (BETTO, 2005: 21).

Podemos retirar desta resposta algumas suposições que enumeramos a seguir, sem ordem de importância, com um breve comentário sobre cada uma:

1. A grandeza humana é resultado da presença do diabo entre os mortais.

Esta afirmação fica interessante se levarmos em conta a visão cristã do conflito cósmico entre o bem e o mal que foi transferido para a Terra e levou à intervenção divina nos assuntos deste planeta. O fato de, segundo teólogos, Deus ter-se encarnado para assumir a natureza humana, sem sombra de dúvida engrandeceu a humanidade.

2. A vaidade é um agente impulsionador para o surgimento de poetas, artistas, filósofos, governantes e heróis.

É inegável que o ego humano é um grande motivador na busca de realizações, porém também é agente incentivador de traições, roubos, assassinato etc.

3. A luxúria é um ingrediente de fomento à reprodução humana.

Talvez no passado esta afirmação pudesse ser mais real, porém atualmente, com o advento dos métodos contraceptivos, a gravidez cada vez mais tem ocorrido por consentimento e vontade dos pais. Seria mais adequado afirmar que o descuido na utilização dos métodos contraceptivos é um ingrediente de fomento à reprodução humana.

4. A avareza contribui para a prosperidade dos povos.

O minidicionário Soares Amora da língua portuguesa define avareza como “apego exagerado ao dinheiro, sovinice, mesquinhez”. A avareza é um fator que contribui para a corrupção de governantes e políticos e, conseqüentemente, para o aumento da pobreza das populações, e não para sua prosperidade.

Se tais vícios morais, como vaidade, luxúria e avareza (os quais refletem categorias da moral cristã tradicional), são não apenas necessárias, mas úteis para o progresso, teríamos que justificar pelo progresso suas resultantes menos desejáveis, como guerras, traição, desigualdade social e um incontável número de elementos negativos que fazem parte da vida cotidiana dos seres humanos. Que tipo de sociedade conhecida sobreviveria a crises geradas por estes vícios se os mesmos fossem tratados como características desejáveis? Não teríamos que, desta forma, afirmar que o progresso degenera necessariamente os relacionamentos?

5. O diabo é o reflexo da alma humana.

Sendo o diabo o reflexo da alma humana, não existiria como ser real, sendo apenas uma projeção de quem somos realmente. Equivale a afirmar que nós somos o verdadeiro diabo. Logo, falar da presença do diabo seria evocar um espírito coletivo, um *ethos* comum a todos os homens, uma entidade presente apenas no inconsciente coletivo.

Esse fato nos ajuda a compreender o desfecho surpreendente da narrativa. O hospedeiro certa manhã acorda e percebe a ausência de seu hóspede, aliado ao fato de que ao olhar-se no espelho vê que “suas feições assemelhavam-se às do Demo” (BETTO, 2005: 22). O personagem estaria assim vendo como ele realmente é. O pensamento de Giovanni Papini corrobora com este conceito ao afirmar que:

O pecado satânico por excelência é a soberba, a presunção, a protérvia. E nós vemos hoje em dia homens que pretendem dar assento ao Universo com meia dúzia de conceitos e fórmulas; homens que proclamam ter conquistado, por meio das máquinas os atributos divinos; homens de escasso entendimento e fraco ânimo que se arrogam o direito de dominar e guiar povos e nações e os conduzem com empáfia senil, à escravidão e ao extermínio; homens sem generosidade de afectos nem profundidade de ideias que se exibem como mestres de poesia, de filosofia, de política, de moral. Se o Diabo é orgulho, somos todos mais ou menos diabólicos (PAPINI, [s/d]: 147).

O espelho estaria mostrando o reflexo de sua alma. Se para o eu-narrador inferno são os outros, e estes outros fazem parte do ambiente do qual ele mesmo é o centro, o principal, então o eu-narrador é o próprio diabo, o núcleo desse inferno. O espelho é utilizado metaforicamente para esclarecer que o eu-narrador é composto pelo outro: os vizinhos-inferno. Vencer o diabo seria, desta maneira, vencer o mal que existe dentro de cada um de nós, seja esta maldade inerente ou adquirida através das interações com o outro. A(s) maneira(s) que se poderia conjecturar para alcançar este objetivo já é um outro tema que demanda reflexões para um grande número de páginas.

Referências bibliográficas

AMORA, A. S. *Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa*. 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

BETTO, Frei. *Treze contos diabólicos e um angélico*. São Paulo, SP: Ed. Planeta do Brasil, 2005.

BLOOM, H. *Anjos caídos*. Tradução de Antonio Nogueira Machado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

COUSTÉ, A. *Biografia do Diabo: o diabo como a sombra de Deus na história*. Tradução de Luca Albuquerque. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos, 1996.

NOGUEIRA, C. R. F. *O Diabo no imaginário cristão*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

PAPINI, G. *O Diabo: apontamentos para uma futura diabolologia*. Tradução de Fernando Amado. Lisboa: Livros do Brasil, [s/d].

SARTRE, J-P. *Entre quatro paredes*. São Paulo, SP: Civilização Brasileira, 2005.

WHITE, E. G. *Fundamentos da Educação Cristã: a família, a escola e a comunidade no contexto da aprendizagem*. Tradução de Naor G. Conrado. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.